



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

PORTAL DE MEMÓRIAS

Josebel Akel Fares

Paulo Nunes

Este sétimo número da revista Sentidos da Cultura, o segundo sobre Lindanor Celina, equivale a uma espécie de dossiê sobre a autora, que complementa o número anterior, o seis, da mesma revista, pensado, à guisa de homenagem, em minorar as injustiças em torno da obra de Lindanor, uma intelectual atuante como atriz, jornalista, professora, cronista e romancista, em uma Belém que não conseguia, então, quando dos anos 60 e 70, reconhecer os traços de renovação de uma escrita de vozes do feminino, ousadia que ela construiu, a cada livro publicado.

O Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, a fim de celebrar os 100 (ou noventa?) anos da escritora, organizou uma programação especial para o **Ano Lindanor Celina**, composta de performances, exposição, espetáculo teatral, audiovisual, palestras e

debates sobre a obra da romancista. E, no bojo da homenagem, dois volumes da Sentidos da Cultura (números 6 e 7). O primeiro traz 10 textos entre artigos, resenhas, ensaios que tomam como tema a vida e a obra de Lindanor Celina. Múltipla e plurifacetada, ela trata de diversos aspectos, sob diversos ângulos e considerações teóricas, homenagens-sempre a Lindanor. Este número 7 (coincidência ser um número cabalístico?), denominamos “Portal de Memórias”, pois memória é palavra-chave no desvendar da leitura da autora castanhalense-bragantina.

O primeiro texto aqui abrigado é, potencialmente, o mais poético de todos eles: *“Uma carta sempre chega ao seu destino: para Dal e também para Linda”*, de autoria de Ernani Chaves, mestre da Faculdade de Filosofia da UFPA, texto lido por seu autor na mesa redonda em homenagem a Lindanor Celina, durante o lançamento da segunda edição de *Ponte do Galo*, de Dalcídio, em outubro passado, na FliPa, acontecida na livraria café Fox, em Belém. Nele, Ernani explora seu arsenal teórico, que reúne, por exemplo, Lacan e Walter Benjamin, para recordar poeticamente Dalcídio Jurandir através da lembrança de sua mãe marajoara, professora aposentada que conheceu o autor de *Chove...*, quando este “inspecionava a educação” nas terras marajoaras. O pretexto fundou-se para homenagear, com uma forte expressividade poética, Dalcídio Jurandir e Lindanor Celina, e assim estreitar laços entre os dois escritores.

A publicação seguinte não é ensaio ou estudo, mas pela leveza de seu estilo,

demonstra a competência de cronista de seu autor, João Carlos Pereira; amigo dos mais próximos de Lindanor Celina, João Carlos é, e o presente texto o demonstra, quase devocional em sua amizade. João registra aqui um diadema de afetos que os uniu, desde que o autor conheceu a escritora homenageada nos fins de 70. Não há como negar, quem o ler perceberá, as ingerências do estilo de “madame Celina” no cronista João Carlos, que aqui se manifesta com verve lírica. Narrativa de testemunho e afeição.

O texto que se segue é o “inconvencional”, configura um emocionante “recuerdo” das lembranças de Rosa Assis, mestra dos estudos de linguagem na literatura dos autores amazônicos. Neste trabalho, como num jogo de dados, Rosa relembra de seu contato com Dalcídio e Lindanor na casa de Machado Coelho (seu pai), casa que, então, recebeu grandes figuras da intelectualidade do Pará, do Brasil e do mundo. O jogo sinuoso da escrita da professora e ensaísta está também em interligar, nesta recordação vibrante, a relação que se dá entre o nome “Celina”, pseudônimo da escritora homenageada ao homônimo de sua mãe, Celina, que recebeu este nome na pia batismal.

“Lindanor Celina em Memória e Trilogia: fotograma do Círio e O tríptico de Lindanor Celina” é assinado por Relivaldo de Oliveira Pinho. Texto no estilo 2 em 1, inicialmente publicados em duas edições diferentes do jornal *O Liberal*, o autor deixa evidenciar o vigor da “nova crítica” que milita no espaço universitário, e reatualiza a escrita da autora, mostrando-a atual e vibrante. Os que se

ocupam da crônica e do romance lindanoriano verão aqui uma leitura atenta deste jovem intelectual, que mostra-se sensível e atento à obra memorialística de Lindanor Celina.

Em “Lindanor faz cem anos?”, Josebel Akel Fares ressalta a importância de Lindanor no processo de formação de leitura dela, bem como relata sobre o livro didático *Texto e Pretexto* (T&P): experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores paraenses, na Secretaria Municipal de Educação de Belém, nos anos 80 do século passado. T&P foi adotado como texto base das aulas dos iniciantes de Literatura Brasileira em Lille/FR (sob a condução de Lindanor) e, por assim dizer, estendeu-se, num exercício de fecunda memória de Josebel, até o barracão cultural da escola municipal Rotary Club, onde Lindanor participou de roda de conversas, contando, cantando e encantando o público. O texto traz outros momentos marcantes do encontro de Lindanor Celina com os estudantes da SEMEC-Belém, alguns dos quais tornar-se-iam seus eternos leitores, como se vê pelas fotos aqui contidas.

Depois que o número da revista foi concluído, percebemos a ausência de algumas matérias fundamentais sobre a obra de Lindanor Celina, que, inclusive, serviram de base para os textos aqui apresentados. Foi deste modo que resolvemos inserir uma segunda parte a este número da revista, trazendo à luz a *Fortuna Crítica*, expressa em prefácios, orelhas de livros e na crônica jornalística. E incluímos os seguintes textos: sobre *Menina que vem de Itaiara* - Dalcídio Jurandir e *Devagar*, as

janelas olham! - Paulo Nunes; sobre *Estradas do tempo-foi* – Francisco Paulo Mendes e *Estradas do tempo-foi* – Amândio César; sobre *Breve Sempre* - Machado Coelho e Uma história que flui – Antônio Olinto; sobre *Pranto por Dalcídio Jurandir: memórias* – Lana; *O Pranto* - Abguar Bastos e *O Pranto de Lindanor*, de J.J. Paes Loureiro; sobre *Afonso Contínuo, Santo de Altar* - Bruno Palma, sobre *A viajante e seus espantos* - João Carlos Pereira e *As crônicas de Lindanor* - João de Jesus Paes Loureiro; sobre *Diário da Ilha* – Ápio Campos e *Diário da Ilha* - Adelino Brandão, sobre *Eram seis assinalados: Traços da ficção de Lindanor Celina* - Fábio Lucas. Dentre a vasta turba, Lindanor Celina assinala seis personagens - André Kisil; sobre *Crônicas Intemporais: De um narrador-borboleta e seu exercício de máscaras* – Josse Fares e *A propósito das Crônicas Intemporais* – Serge Casha.

Dois destes trabalhos – um deles já aperfeiçoado – estavam no corpo da revista, antes da inserção deste desdobramento: *O Pranto*, de Abguar Bastos, grande intelectual, dos principais da Academia do Peixe Frito, baluarte do Modernismo brasileiro, a partir dos manifestos nativista como Flaminassu, que fez história entre nós. O texto de Abguar foi escrito para *O Liberal* quando do lançamento de *Pranto* por Dalcídio Jurandir. Uma das resenhas que deu o lugar merecido a Lindanor Celina como memorialista, neste jogo de espelho que a autora trama, lado a lado, com Dalcídio Jurandir. E o prefácio de *Para Além dos anjos*, a última narrativa elaborada por Lindanor Celina, intitulado *De um narrador-borboleta e*

seu exercício de máscaras, de Josse Fares. Nele a estudiosa investiga os processos narrativos e demais estratégias de linguagem empreendidas por Lindanor Celina, daí porque o título explicita já a expressão elucidativa “exercício de máscaras”, a qual agora complementaríamos, se possível fosse, com o significativo “ficcionais”. Josse Fares, experiente professora de Literatura Brasileira aposentada da Universidade da Amazônia, formadora de diversas gerações de professores, escreve num estilo leve e claro, como é de seu feitio, com a intenção de influenciar o leitor (afinal este é o propósito de todo prefácio) nas (arte)manhas da linguagem de Lindanor, e o faz de tal modo, que não sobra outro sentimento àqueles que tiverem o livro em suas mãos a não ser o de lê-lo.

Nosso sumário prossegue com outros dois textos fundamentais. Em “A Menina de Itaiara”, Lázaro Moraes, jornalista competente e experimentado, possibilita muitas pistas aos estudiosos e leitores da escritora homenageada. O texto, desentranhado do acervo pessoal de Paulo Nunes, publicado em *O Liberal*, demonstra que o jornalismo cultural, praticado nos anos 80 e 90, em Belém do Pará, era da melhor qualidade. Outra preciosidade que poderá auxiliar os estudiosos da autora de *Eram Seis Assinaldados*, é a crônica, infelizmente, não assinada, “Relatos de Lindanor Celina gravados pelo MIS e FCPTN (Museu da Imagem e do Som do Pará e Fundação Cultural do Pará)”.

E este número da revista, marcado, como dissemos, pelo escopo da memória, se

completa com acervos de pesquisas particulares, que se não fosse consciência social e política dos pesquisadores e o consequente compromisso com os leitores de Lindanor Celina, ficariam guardados a sete chaves. Felizmente, algumas crônicas publicadas na coluna *Minarete* ou esparsas em outros jornais encontram-se aqui, denominados como “Crônicas Jornalísticas de Lindanor Celina (sobre teatro e outros assuntos)”. Os textos, especialmente, sobre teatro vem do acervo do pesquisador José Denis de Oliveira Bezerra, que numa demonstração de desprendimento e compromisso em socializar suas descobertas, cede seis crônicas publicadas em *Minarete*, sobre o I Festival de teatro de Estudante, ocorrido em Recife, em 1958: “Canta a Alma Nacional”; “Uma Revolução no Recife”, “O Destino é Recife”, “O I Festival de Teatro de Estudante: primeiras apresentações (1958)”, “Julgamento de Hamlet”, “Toada agradecida”. Outra contribuição a esta seção veio da professora Marcia Daniele dos Santos Lobato, leitora voraz de Lindanor, as crônicas foram salvas nas suas leituras da também coluna *Minarete*, da *Folha do Norte*, pesquisadas na Biblioteca Arthur Viana. Ela socializa conosco os seguintes textos (1960): “Andanças de Setembro I e II”, “Encontro no Aeroporto”, “No Barraco de Carolina”. Já as crônicas “O Público quer Bom Teatro” (1962) e “Crônica” (1997), dos acervos de José Denis e Paulo Nunes, foram publicadas n’*A Província do Pará*, para onde a jornalista Lindanor Celina se transferiu, depois que *A Folha do Norte* fechou as portas. Estes escritos demonstram o melhor

estilo de leveza e humor da cronista, sempre atenta ao ofício do teatro e aos temas do cotidiano.

Belém do Pará, novembro de 2017.

Ao final do número, brindamos nosso leitor com a entrevista “Lindonor e o demônio da Escrita”, concedida a Elias Ribeiro Pinto, de O Diário do Pará. Elias que é seguramente o nosso mais expressivo jornalista cultural, o qual milita na imprensa do Pará por mais de quarenta anos.

Como organizadores destes dois números da Revista, o 6 e o 7, fomos à cata de material e constatamos o ineditismo de muitos temas e textos. Há, temos ciência, muita pesquisa a ser feita sobre a obra de Lindonor. Batemos à porta de alguns professores, pesquisadores, jornalistas, todos abriram, e mesmo com curto tempo para a produção de textos, para vasculhar os tesouros nos seus baús, remexer arquivos adormecidos... todos, enfim, colaboraram, se dispuseram a escrever conosco este trabalho. Outra importante colaboração inoninável é a dos estudantes e pesquisadores do Núcleo CUMA, que juntos cataram conosco materiais, digitaram os textos encontrados nos jornais, revistas, orelhas, prefácios, revisaram materiais. Desde já, agradecemos a todos. Trouxemos aquilo que de mais expressivo sobre a literatura de Lindonor Celina nos chegou às mãos, e sabemos ainda há muito que buscar. E sem pretensões de fazer algo irrepreensível, fizemos tudo com carinho aos leitores, à autora, e respeito por sua obra, que ainda está por ser revalorizada como deveria.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este número da revista à professora

Lourdinha Maués, da UFPA, como
reconhecimento a autora de um dos primeiros
estudos acadêmicos sobre a obra de Lindanor

Celina.